FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Luí Pereira Godoi

O MAGISTÉRIO ENTRE A TRADIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO CULTURAL

Goiânia

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: Luí Pereira Godoi

Título do trabalho: "O magistério entre a tradição e o desenvolvimento cultural"

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Talita Francieli Bordignon**, **Professora do Magistério Superior**, em 11/04/2022, às 22:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **LUI PEREIRA GODOI**, **Discente**, em 13/04/2022, às 20:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2824993** e o código CRC **5EF65540**.

Luí Pereira Godoi

O MAGISTÉRIO ENTRE A TRADIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Licenciadoem Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Talita Francieli Bordignon.

Goiânia

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Godoi, Luí Pereira
O magistério entre a tradição e o desenvolvimento cultural [manuscrito] / Luí Pereira Godoi. - 2022.
MMXXII, 31 f.

Orientador: Profa. Dra. Talita Francieli Bordignon.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia, 2022.

1. Democracia. 2. Formação. 3. Ideologia. 4. Emancipação. 5. Metafísica. I. Bordignon, Talita Francieli, orient. II. Título.

CDU 37

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos onze dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e dois iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “O magistério entre a tradição e o desenvolvimento cultural”, de autoria de Luí Pereira Godoi, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profª Dra. Talita Francieli Bordignon (FE/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profª Dra. Cynthia Maria Jorge Viana (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Talita Francieli Bordignon**, **Professora do Magistério Superior**, em 11/04/2022, às 22:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Maria Jorge Viana**, **Professora do Magistério Superior**, em 12/04/2022, às 00:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2824396** e o código CRC **3D253379**.

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez findo uma experiência com felicidade. Sei que talvez, daqui a alguns anos, poderei ver a esta escrita – que sintetiza a dor e o prazer em um único conceito – de outra forma. Neste momento, estou satisfeito. Encontrei-me e vivi de uma forma tão intensa em lugares que jamais pensara encontrar felicidade. E venho escrevendo, já faz dois anos, sobre este tema. Não como um tema de estudo, mas como um conceito que me atravessou quando, sem intencionalidade, me coloquei em outros caminhos, que a minha vontade, supostamente razoável, não colocou. Por isto, é que afirmo, a felicidade é imprevisível. Escapa ao controle e não raras vezes se está de costas para ela. Quando se supõe estar indo ao seu encontro, ela surge em outro canto como quem diz "olhe pra mim, estou aqui!".

Meu primeiro agradecimento, pelo desafio imposto de cursar Pedagogia, portanto, vai para a minha irmã, Leidiane. Após alguns sonhos frustrados, talvez mais ajustados a realidade do que ao que eu sempre desejei, pois estava cego por enxergar demais a aparência das coisas, fui com nariz torcido ao que, conscientemente, não queria. E hoje, estou aqui, completamente apaixonado e apegado as lembranças, desde o primeiro dia em que entrei em uma sala da Faculdade de Educação, a minha querida FE. Lembro de todas as suas cores, do seu movimento, sons, barulhos, distrações. Não é fácil seguir uma ordem cronológica para agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este texto fosse possível, mas vale o risco.

Agradeço a professora Anita, por toda a paciência e não paciência em ensinar. Por todos os conselhos, mesmo aqueles mais rígidos, sobre a vida, os estudos e a profissão. Pelas leves e pelas tensas conversas. A primeira imagem que tenho da faculdade é a dela. Não é por acaso que seja no pátio, em uma sala de aula ou em um auditório lotado, todos os olhares se voltam a ela e a magia de suas exposições. Agradeço a professora Gina por te me acolhido no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC), ter me proporcionado o primeiro contato com a pesquisa bibliográfica, com a sua seriedade e com a sua ética, e, sobretudo, pela delicadeza com que mimava a nós, estudantes. Agradeço, com muito carinho, a professora Cynthia, por ser tão humana e por me guiar, a partir da sua leitura, a outros lugares, aos mundos cindidos do mesmo lugar, aos versos e aos reversos de nossa própria constituição. Agradeço a inspiração e por todas as orientações que, ainda à distância, se fizeram presentes. Agradeço a minha orientadora, professora Talita, que com seu toque, possibilitou que este estudo fosse mais potente.

Agradeço a minha mãe, Lazara, por apoiar meus caprichos e todas as atividades que me propus a realizar. Ao seu envolvimento, ao seu cuidado e a sua dedicação. À sua intuição, mãe, que nunca falha. Ao meu pai, Wanderli, pelo companheirismo e por aceitar as minhas particularidades que se apresentavam, desde cedo, por não me repreender e por participar das brincadeiras que os outros diziam que não eram para mim, por me proteger, enquanto pôde. Agradeço as minhas irmãs, Leidiane e Aparecida, por serem sempre presentes, por tomar minhas dores, por me indicarem outros caminhos.

E não deixaria de agradecer aos amigos do NEPPEC, Ana Luisa, Gabriel, Flávia, Vitória, Jason e Carol, entre tantos outros, por todas as trocas, leituras, discussões políticas e sarais. Aos amigos do Escritório, Euvane, Sarah, Mariana, Fernanda, Yasmim e Carlos, pela descontração nos intervalos entre as disciplinas e pelo suporte durante as aulas e apresentações. À Nilva, de quem curiosamente me aproximei no ensino remoto, tive e dei suporte. À atlética Malcriada, que embora por um curto período, tornou os meus sábados de manhã menos sedentários. À Evelin e a professora Denise, pelo apoio e incentivo a lutas políticas, ainda necessárias. Ao Prismas, por todos os encontros e embates.

Agradeço a cada um de vocês que contribuíram direta ou indiretamente para que este texto fosse possível.

A dor no processo d’escrita é a dor na vida...

RESUMO

O presente estudo reflete de uma forma introdutória e com referencial na Teoria Crítica, sobre o magistério e o exercício do educador, desde a sua construção, como a forma que o exercício foi constituído na Grécia, a sua expressão na civilização ocidental com a profissão dos padres e posteriormente, com a atuação de pedagogos. Dá especial atenção a situação desta profissão, no Brasil. Com a destituição das formas conceituais, apresenta a queda da metafísica e a sua relação intrínseca com a formação e a semiformação, com a democracia, a ditadura e com a integração. Acompanhando estes processos, indica a proletarização dos professores enquanto uma tendência inerente a expansão e *modus operandi* do progresso. No contexto da educação, já se produzia no Brasil, a expressão da produção massificada, desde o higienismo e talvez antes deste. Enxerga, nas alterações produzidas no magistério e em sua primeira tradição moderna, pré-burguesa, o estabelecimento de uma classe de professores, majoritariamente, professoras, pacífica com o estado recém alcançado que, logo se modificou, com o rápido avanço do progresso, produzindo a proletarização da recente classe formada. Além disso, pontua características novas da relação entre a classe ascendente e descendente de professores, uma delas é a constituição da maior classe trabalhadora e política do país, que vai se solidificando tanto subjetiva quanto objetivamente. Neste ponto, questiona o sentido de projetos políticos contrários a atuação dos professores, em devido contexto democrático.

Palavras-chave: Democracia. Formação. Ideologia. Emancipação. Metafísica.

ABSTRACT

The present study reflects, in an introductory way and with reference to the Critical Theory, about the teaching and the exercise of the educator, since its construction, such as the way the exercise was constituted in Greece, its expression in Western civilization with the profession of priests and later, with the performance of pedagogues. Special attention is given to the situation of this profession in Brazil. With the dismissal of conceptual forms, he presents the fall of metaphysics and its intrinsic relationship with formation and semi-formation, with democracy, dictatorship and integration. Accompanying these processes, he indicates the proletarianization of teachers as a trend inherent to the expansion and *modus operandi* of progress. In the context of education, the expression of mass production was already being produced in Brazil, since hygienism and perhaps before that. He sees in the alterations produced in the teaching profession and in its first modern tradition, pre-bourgeois, the establishment of a class of teachers, mostly women teachers, peaceful with the newly achieved state that soon changed with the rapid advance of progress, producing the proletarianization of the newly formed class. Furthermore, he points out new features of the relationship between the ascending and descending classes of teachers, one of which is the constitution of the country's largest working and political class, which is solidifying both subjectively and objectively. At this point, it questions the meaning of political projects contrary to the performance of teachers, in due democratic context.

Keywords: Democracy. Formation. Ideology. Emancipation. Metaphysics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 9

2 O MAGISTÉRIO ENTRE A DOMINAÇÃO E A LIBERDADE..... 11

2.1 A ALTERAÇÃO DA SITUAÇÃO DOS PROFESSORES..... 13

3 A PROLETARIZAÇÃO DOS PROFESSORES..... 20

3.1 A DEMOCRACIA E OS PROFESSORES 23

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 28

REFERÊNCIAS..... 30

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa teórica e bibliográfica, com base na teoria crítica. O referencial teórico ilumina o método sustentado, que segundo Zuin, Pucci a Lastória (2015), se manifesta como uma constelação, na qual os conceitos entram em relação recíproca e são entendidos por esta relação. Na primeira parte deste estudo, são apresentadas algumas representações que se tem acerca dos profissionais do magistério, de modo a refletir sobre a sua atual concepção desde a construção deste exercício na Grécia. Em vista da dominação expressa em diferentes períodos, pontua que esta profissão se reporta, como todas as outras, à objetividade na qual se insere. Assim, as tendências da profissão não estão distantes do movimento histórico. No segundo momento, reflete acerca da dupla revolução, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, que tinha como pretensão realizar a liberdade, mas que, desentendidas com as formas conceituais anteriores, produziram a dominação em novas medidas, o que traz alterações fundamentais no exercício do professor, como também na filosofia e na metafísica. A possibilidade de reflexão e de produção de novas relações, de novas formas conceituais, mas também o trato com as formas conceituais anteriores, são reduzidas em vista da depreciação do conceito. A tradição é interrompida logo alcance algum conceito, como aconteceu no caso da tradição de ensino pré-burguesa, em vista das reformas escolares. Por último, contextualiza a recém tradição dos professores, calcada na luta política e no movimento sindical, com os projetos inseridos contra a atuação dos professores. De uma forma bastante particular, desenvolve os conceitos estudados durante participação na Iniciação Científica, a qual tem como marca a Teoria Crítica. O contexto histórico em que nascera a crítica a sociedade; colocava de cabeça para baixo os sistemas até então estabelecidos, suas relações, suas produções e todo o seu conteúdo vital.

Como a experiência humana mostra: o existenciar, a sobrevivência e a vida se entrelaçam em determinado contexto, a liberdade e a não-liberdade se encontram; se confrontam e, por fim, se antes se determinavam mutuamente, agora se excluem. Não se deu de modo diverso com o profissional do magistério. Na Grécia, que não tinha uma expressão como conhecemos para o trabalho, o pedagogo, assim como o comerciante e quem se detinha em atividades manuais, ocupavam uma posição de inferioridade na hierarquia, eram presentes e indispensáveis a *polis*, na medida em que contribuíam para o bem desta, mas eram, em alguns casos, desclassificados para a vida política e o exercício da cidadania, sendo, portanto, considerados escravos. Com a expansão da Igreja Católica, profundas modificações se produziram, entre elas, esteve a Igreja como lugar de socialização, reservando a esta também,

a responsabilidade pela formação das diferentes classes. Com o progresso da razão e dos indivíduos, colocou-se em xeque a autoridade da Igreja, como também daqueles com poderes estabelecidos, que contribuíram em grande parte, para sua própria derrocada.

Neste decurso, a formação que antes era responsabilidade dos padres passou a ser exercício dos professores. No magistério, a ocupação foi exercida, sobretudo, por mulheres advindas da pequena burguesia e em alguns casos, da burguesia propriamente dita. A nova situação se modificou tão logo tenha alcançado o seu conceito, desde a entrada das classes à margem da sociedade no exercício da educação. Com a proletarização dos professores, a recente tradição que se formara, deu lugar a uma nova tradição, constituída principalmente, pela luta política. Ideologia, dominação, economia, ditadura e democracia atravessam o trabalho, são pontos nevrálgicos para a compreensão da forma como se organiza a sociedade atual e o trabalho dos professores.

2 O MAGISTÉRIO ENTRE A DOMINAÇÃO E A LIBERDADE

O debate sobre a profissão do educador na sociedade brasileira nos últimos anos, sobretudo, aquela dedicada ao ensino infantil, tem trazido à tona a ambiguidade que esse trabalho carrega. Por um lado, é reconhecido como um dos mais importantes exercícios, que atua como meio de introdução e desenvolvimento da criança na sociedade e na cultura, em conjunto com a família, e, por outro lado, é entendida como uma profissão fácil e até desprezível, considerada por seus opositores, como aquela que contradiz a seriedade de outras profissões. Aquela professora que é vista por parte de seus alunos, como sinônimo de liberdade pode ser tida, por outros estudantes, como sintoma do autoritarismo. A profissão encontra, entre aqueles que de alguma forma fazem parte de sua rotina, expressões que revelam não apenas a diversidade estudantil e docente, mas as tendências que a própria cultura carrega.

Uma das tendências da civilização tem sido a dominação, a subordinação de determinados grupos e indivíduos a grupos dominantes, seja por causa da estabilidade interna desses grupos dominantes ou do poder conquistado por intermédio do vencimento de conflitos. Era assim que a cultura grega estabelecia seus servos: os perdedores na guerra eram alocados em funções determinadas por seus senhores, ou, em algumas instâncias, aqueles que tinham dívidas que não podiam pagar ou tinham cometido algum tipo de crime, também eram escravizados. A pedagogia tem a sua história entrelaçada nesse costume. Desde a constituição de seu ofício, o pedagogo, do grego "*paidagogos"*, palavra formada com a junção de "*paidós"* (criança) e "*agogos",*condutor, tem na figura do escravo, encarregado da formação da Paidéia, a imagem de sua profissão. (CAMBI, 1999).

A forma e o conteúdo de uma época, em raros casos, têm a mesma expressão em outro contexto, após transformações da sociedade. Atividades que antes não tinham qualquer valor, em certo período, gozam hoje de um ar de liberdade, como aconteceu com o comércio. Mesmo o trabalho pode não ser visto enquanto trabalho, quando não há um conceito que o caracterize. Por exemplo, no léxico grego, não havia uma palavra para o que hoje consideramos como trabalho, sendo que as atividades seguiam uma hierarquia, e dentre as consideradas inferiores, destinadas aos escravos, estrangeiros e as classes mais pobres, estavam as atividades do comércio e manufaturadas, como o artesanato, segundo Silva (2012) em alusão à Austin e Vidal-Naquet (1986). Assim, dificilmente tais atividades se disporiam, hoje, a transferências.

Por outro lado, para Adorno (1995a), na Alemanha, além das sedimentações sociais ou, em outras palavras, o preconceito acerca da profissão de ensinar, é preciso acrescentar a influência das referências do professor a uma atividade não-livre. Segundo o autor, contra os pedagogos recai o menosprezo que, como acontecia na submissão do escravo grego, impõe-se à sociedade por via de mecanismos de identificação. O rancor ou ressentimento contra o intelectual desempenha uma função muito interessante, em vista de que os professores, assim como outros intelectuais, podem ser profundamente adorados, como também odiados.Adorno (1995a) nota uma forte tendência das crianças na identificação com "coisas de soldados" e disso, uma reprodução do processo filogenético que libertou os homens da violência física. Segundo o autor:

> Movidos por rancor, os analfabetos consideram como sendo inferiores todas as pessoas estudadas que se apresentam dotadas de alguma autoridade, desde que não sejam providas de alta posição social ou do exercício do poder, como acontece no caso do alto clero.O professor é o herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte de suas funções, o ódio ou a ambiguidade que caracterizava o ofício do monge é transferido para o professor.(ADORNO, 1995a, p. 102).

É comum que além dos indivíduos não alfabetizados, a humanidade, de maneira generalizada, coloque no centro o hábito de se identificarem com o poder como tal, independente de quem o exerce, o que não é apenas uma herança arcaica da natureza humana, mas representa a transição da metafísica a outro domínio. Ocorre que os professores não possuem poder, ou não um poder objetivo– tal como Marx (1977) indicou. Na disputa entre o conteúdo escolar, para citar apenas um exemplo, quem define o que será de objetivo escolar, *a priori*, é a própria estrutura anteriormente organizada, na qual os professores têm pouca – quando nenhuma – influência. Podem ao máximo adaptar o contexto escolar de acordo com suas próprias particularidades. Essa é uma proximidade que a realidade brasileira tem com a alemã, senão também com outros mais distantes e países vizinhos, além da herança do professor como membro do clero. Segundo Saviani (2008), durante a colonização brasileira, seguindo a tendência de outros países, a educação formal era ofertada como ensino confessional, e o padre, responsável pelo processo de ensino. Embora outras profissões também possam carregar essa ambiguidade, como a do curandeiro ao médico que no conto kafkiano pode receber presentes de honra como também ser sacrificado, Adorno(1995a) questiona como justamente coube à profissão do professor a transferência deste tabu arcaico. Talvez seja porque, diz ele, "[...] juristas e médicos não se subordinam àquele tabu e são igualmente profissões intelectuais. Mas estas constituem o que se chama hoje de profissões

livres. Subordinam-se à disputa concorrencial; são providas de melhores oportunidades [...]". (ADORNO, 1995a, p. 103).

No caso do Brasil, cabe ainda uma ressalva acerca da ambiguidade que as profissões intelectuais carregam. Embora o professor esteja na berlinda em relação às péssimas condições materiais e culturais para a sua profissão, é notório um movimento crescente de reaçãoaos cargos considerados de poder, como o juiz, o advogado, ou um cargo administrativo qualquer. Estes também têm sido alvo constante de ataques. A diferença entre os professores está em seu poder ou na falta deste. Conforme Adorno (1995a) o poder do professor é apenas uma espécie de representação do verdadeiro poder, "[...] por ser um poder sobre sujeitos civis não totalmente plenos, as crianças." (p. 103). Nesse sentido, o conteúdo que os professores ensinamnão necessariamente implica uma influência direta ou imediata na sociedade, como em ordenamentos jurídicos, políticos, entre outros. A proletarização dos professores, contudo, modificou a tradição entre os professores brasileiros, o que vai refletir em uma alteração sobre o alcance do poder dos professores como poder subjetivamente e objetivamente constituído.

2.1 A ALTERAÇÃO DA SITUAÇÃO DOS PROFESSORES

Qualquer afirmação acerca da realidade atual dos professores deve considerar, pelo menos, um dos aspectos constituintes desta profissão: o subjetivo – a forma como os professores são concebidos pela sociedade, também por si mesmos; o histórico e natural– a forma com que a profissão foi construída e como se desenvolveu; e o objetivo – o modo de relação da sociedade, como o modo de produção que, em última instância, pesa sobre todas as outras duas dimensões, embora se possa admitir que, em devidas circunstâncias, o subjetivo não se restrinja ao que é mediado socialmente ou, em outras palavras, o modo de produção não determinaria todas as relações, expressões e formas de lidar com a realidade. A economia objetiva atual tem tido enquanto tendência a integração total, todas as subjetividades, portanto, devem ser apreendidas economicamente. Existem meios que também participam da economia objetiva – sejam eles pedagógicos, psicológicos, artísticos, psiquiátricos, por fim, todas as atividades da circulação – de lidar com indivíduos "desajustados". A integração atende em alguma medida a quem a contradiz, pode muito bem ser por um lado democrática; contudo, conforme afirmado, a economia objetiva, o modo produtivo, pesa sobre as outras dimensões, e a democracia encontra-se na dimensão "subjetiva" do processo.Tanto é que, a título de exemplo, as rupturas contra a democracia tendem a ocorrer em países que

apresentam certo nível de crítica considerado um risco a estrutura consolidada. Enquanto por outro lado, opta-se, ironicamente, pela ditadura em oposição à tendência da dominação.

Dito isto, é possível prosseguir com o tema. Ainda durante a dupla revolução, durante o processo da Revolução Burguesa e da Revolução Industrial, foram documentados bastantes escritos que tratavam destas. Tais documentos repercutiram em quase todas as áreas da ciência, que considerara as problemáticas que ali se avolumavam. Um "novo" modo de vida estava a ser produzido: mas que modo de vida era esse? Qual era a sua substância? A dupla revolução foi considerada um progresso, em sua acepção positiva, para muitos, mas não totalmente pela teoria crítica que, desde seu nascimento, já via o princípio econômico da barbárie, a dissolução da finalidade, da ideia e do conceito[1], a tendência à extinção não apenas dos conceitos basilares da civilização, mas a concentração da produção em apenas um único conceito: o da produção mesmo. Aumentar a produção, lucro e consumo, em um *quantum infinitum*, inconsciente e irrefletido, essa foi a queda da metafísica, mas não só dela: todas as áreas do conhecimento caem uma por uma em sua finalidade real, sobrevivem apenas enquanto resistem e se adaptam. Alguns agiram desesperados, nas palavras de Adorno (1995b) "O desespero que, por encontrar bloqueadas saídas, se precipita cegamente para dentro, alia-se, mesmo na vontade mais pura, à desgraça.". (ADORNO, 1995b, p. 211), como datam alguns acontecimentos na França. Há certa razão, como filósofo, e, sobretudo, como ideólogo, em não se alinhar, mas não é como se fosse possível, já naquela época, estar fora sem ser consumido pelo conteúdo interno. A questão parece ser se um cientista, como um economista ou um físico, teria tido alternativa a não agir de certa forma, em seus devidos contextos. Adorno (1995b) refere-se a Marx na comuna de Paris, mas é possível recordar como é transferida a Einstein a culpa pelo que aconteceu em Hiroshima e Nagasaki.

[1]Em vários textos, Adorno trata desse sentido. Quando mais jovem, observou na atualidade da filosofia que, em sua época, não buscava mais, como em outro tempo, a pretensão à totalidade; as "categorias" de compreensão estavam também mais estreitas, como a angústia e a morte, em Heiddeger. Disse: "As ciências, sobretudo as lógicas e matemáticas, empreenderam a liquidação da filosofia com uma seriedade nunca vista e que tem seu verdadeiro peso devido ao fato de que há muito as ciências particulares, incluindo as ciências matemáticas e da natureza, desfizeram-se do aparelho conceitual naturalista que as subordinou às epistemologias idealistas do século XIX". (ADORNO, 2018, p. 331-332). Em outro contexto, acerca do esclarecimento como mistificação, afirmou: "No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. A causa foi apenas o último conceito filosófico que serviu de padrão para a crítica científica, porque ela era, por assim dizer, dentre todas as idéias antigas, o único conceito que a ela ainda se apresentava, derradeira securalização do princípio criador" (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 21). Não se passa de modo tão distante, mesmo quando diz "O conceito de formação se emancipou com a burguesia". (ADORNO, 1996, p. 391). Sua própria Teoria da Semicultura é resultado dessa compreensão. Por outro lado, quando Adorno (1995a), no início de *Educação e Emancipação*, reflete sobre a formação e a educação, indica um caminho para compreender seus sentidos, como também afirma que à sua época, ainda atual, tais conceitos não eram substanciais e compreensíveis por si mesmos.

Com a subtração da ideologia[2] e do conceito – com que, afinal, mantêm-se todos os sistemas políticos, como os democráticos, com que se faz religião, se faz política, se faz ciência, têm-se enquanto valor, não o valor em si mesmo, inerente ao indivíduo, mas o cumulativo, o que pode gerar valor; que não é mais necessário que seja a mais bela composição, nem o melhor poeta; nem o mais bem formado professor; nem o mais tradicional médico; não é mais necessário nem que sejam minimamente boas ou autênticas as produções, segundo a economia tem conduzido. Com o conceito de Indústria Cultural, Horkheimer e Adorno (1985) indicam o modo sintomático que a Indústria se apropria da produção, por seu potencial de massificação, portanto, de seu lucro. Na Indústria, não se coloca como princípio, o bem ou mal, bom ou ruim, melhor ou pior; nesse sentido, ela pode ser democrática, porque requer a participação de todos, ainda que tanto consumidores quanto produtos. A coisificação coincide com a desumanização, ainda que possa ser defendida enquanto humana. Essa foi a mutação que o conceito, a ideia ou a ideologia sofreram, tal como a intencionalidade de sua produção, essa foi a mutação da produção. As suas finalidades converteram-se em, enquanto fim, em seu valor de troca. Não existe mais ideologia[3], ao menos não da forma que a ideologia já foi um dia, Adorno (1959; 1961; 1965; 1995a; 1995b) já afirmou a falta de uma concepção, seguidas vezes, o que inclui o conteúdo escolar. Se antes, a Igreja produzira no ensino, os valores da *ratio*, estes, em conjunto com os conceitos anteriores, foram suprimidos. O conceito cede lugar ao rigor científico e a instrumentalização.

Com a dupla revolução, aconteceu uma transformação radical no modo de produção, na consciência, no domínio da religião, em todas as formas de relação antes estabelecidas. Seus efeitos são quantitativos, mas também qualitativos. Pessoas que antes não participavam da produção, que não consumiam os bens culturais produzidos – isso quando simplesmente não se morria de fome, realidade ainda atual –, passaram a consumir esses produtos, no chamado capitalismo tardio. Mas o que é realizado só pelo consumo, esquiva-se de sua produção consciente, portanto, não alienada. Tanto Marx (1977) quanto Adorno (1995b; 1996) ensinaram que enquanto as condições de existência permanecem de sobrevivência, portanto, pré-históricas, pouco se pode fazer em relação a formação e a própria história. Mas a forma tradicional da educação que, em algum tempo, possibilitou que, em parte, a emancipação tenha sido alcançada, hoje é considerada suspeita.

---

[2] [...] a Ideologia é justificação. (HORKHEIMER; ADORNO, 1976, p. 191).

[3] Ainda que a ideologia seja, por sua parte, responsável pelas maiores desgraças, talvez na mesma proporção, também pode ser tida como as mais felizes construções.

Com essa transformação, foram removidos os limites da razão e se modificou a estrutura de produção. Marx (1977) dirá em termos de trocar a consciência de sua época por uma consciência humana, seja crítica ou egoísta. O autor fazia uma crítica aos neo-hegelianos que atacavam o sistema de Hegel, acusando-o de fraseologias; o que eles supunham enquanto grilhões, prisões, diz ele que era reconhecido pelos velhos hegelianos como autênticos laços humanos. Quando são removidos os limites da razão, removem-se também os limites da produção. Distante desta concepção, de remoção dos limites da razão, Horkheimer e Adorno (1985) dirão que se impõem novos limites. Mas cabe questionar se, enquanto no plano individual, as razões podem ser compreendidas por si mesmas, se no plano social também o são; se a submissão da natureza, da qual os indivíduos também fazem parte e da qual julgam ser de sua superior decisão o seu destino, também não os submete de tal maneira. Pode-se dizer que com o aumento da produção, os indivíduos se vêem melhor providos. Contudo, segundo Horkheimer e Adorno:

> A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo vê-se completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo vê-se, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo.[...] O fato de que o espaço higiênico da fábrica e tudo o que acompanha isso, o Volkswagen e o Palácio dos Esportes levem a uma liquidação estúpida da metafísica, ainda seria indiferente, mas que eles próprios se tornem, no interior do todo social, a metafísica, a cortina ideológica atrás da qual se concentra a desgraça real não é indiferente. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 14-15).

A conversão da Indústria e das relações humanas estabelecidas por seu intermédio, como naturais, atende a uma economia em que o princípio da realidade se liga a produção e a tudo que ela media socialmente, não enquanto produtos históricos e tendências inseridas no modo de produção, mas como características que, em dado contexto, por sua permanência e reprodução, vão se tornando naturais, como se constituíssem a própria natureza humana. Atende de igual modo, mas de forma diferente, a dominação, assim como pontuaram alguns autores. A dominação de homens livres e escravos; homens livres e mulheres, patrícios e plebeus, por fim, todas essas formas de dominação foram consideradas naturais à sua época.

Daí que, a queda da metafísica, corresponde a sua substituição pelas novas formas de relações, hoje, mais cruas e transparentes do que supõe o que hoje se intitula como ideologia. Importa que se compreendam os pontos cruciais dessas considerações: a "anulação" do indivíduo pelo aparelho econômico, do qual também participa; o aumento da produção econômica que produz condições para um mundo mais justo, mas que atua em sua direção contrária; a mutação da metafísica pela indústria. O mundo, em sua totalidade, não conheceu, nem mesmo por causa da religião, uma situação pacífica da cultura, embora com a intervenção moral desta e por todo conteúdo vital que se tinha com e muito além desta, por sua própria tradição, as formas de dominação se apresentavam mais atenuadas, menos cruéis por assim dizer, enquanto que, em situações específicas, esta realmente participou como um poder extraterreno solidário à dor humana.

Aparentemente contrária a dominação, a dupla revolução realizou a dominação em largas medidas. A decomposição do sistema anterior não trouxe consigo a liberdade e a igualdade que prometeu. Em alguns lugares, intensificou a exploração de uma forma que os escritos de Marx[4], Kafka[5]ou, no Brasil, Leodegária de Jesus[6], dão testemunho, justamente através da dor, da fuga literária e do tensiomanento político. Ambos estiveram tão próximos da crua realidade que se configurava, que apresentaram o horror da desqualificação objetiva e subjetiva de si mesmos, enquanto não dispunham – e nestes casos, talvez nem quisessem – da nova moeda de troca. O que se passa na profissão do educador, portanto, não é tão distante do que se passa em todas as outras profissões e certamente não se descola das tendências atuais. Como tendência do atual processo de produção, a situação geral poderia se alterar, tal como na produção de um clima cultural digno de seres humanos. Ocorre que como tendência, tem sempre um conceito e o seu contrário: por um lado, a humanidade ultrapassaria o *status* da simples sobrevivência e a dominação como meio de garantir esta sobrevivência, ou, por outro lado, elimina-se mutuamente, dado que as condições para a guerra, a linha da expansão, também se ampliou a níveis absurdos. É realmente uma tensão entre humanidade e barbárie.

---

[4] O texto mais conhecido de Marx é também reconhecido como o seu mais desesperado. Movido pelo contexto que se apresentava, em conjunto com Engels, o autor produziu, às pressas, uma obra que sintetizou a história da dominação das diferentes classes até a indicação de seu futuro: a internacionalização do comunismo, a possível supressão de todo autoritarismo. Coincidiu com sua publicação as Revoluções na Suíça, Itália, França, Renânia, Prússia, Austria e Hungria. (FREITAS; FREITAS, 2018).

[5] A obra de Kafka reflete muitas feridas... Lembro-me, neste momento, do conto "Diante da lei", presente em seu "O processo", como também a sua "A Metamorfose". O primeiro contém, de um modo que só este autor consegue expressar em palavras, a imagem do que é recusado àqueles que mais precisam, e na segunda obra, também o mesmo sentido, mas em outro contexto: a lei e o amor, inacessíveis.

[6]Foi quem, diante das multidões, versou sobre um desejo solitário: "Eu quero mesmo, assim, viver de lado,/Das multidões passar desconhecida,/ Me alimentando de algum sonho amado." (BRITO, 2015, p. 121).

Adorno (1995a) defendeu uma educação contra a barbárie. No entanto, a crítica, como a religião e a filosofia, não deve ser dogmática.

Enquanto não-dogmática, sustenta os conceitos de civilização, emancipação, formação e não adesão a barbárie? Na restrita composição atual dos conceitos, aqueles conceitos que um dia deram sentido a vida humana, agora são, timidamente, sustentados. Observa-se, mesmo no conceito de educação contra a barbárie, sua restrita atuação, ao tempo que a existência, tal qual se apresenta, reproduz a si mesma, através do rebaixamento das condições de vida de todos. A situação que se verifica hoje, ao tempo que dispõe ao acesso de todos, aquelas produções que jamais dispôs, dada a extrema pobreza e escassez anteriores, também atua contraditoriamente. A produção cultural, por exemplo, em certos períodos, sobressaia-se de sua própria estrutura, como Horkheimer e Adorno (1985) e Adorno (1996) afirmaram sobre a produção cultural. Atualmente, não se pode dizer que a cultura possibilita a realização do indivíduo, enquanto não tem sequer um conceito que represente a si mesma.

Atualmente, a semiformação, o rebaixamento das formas culturais é a marca da época. E nisso, nem mesmo os proletários situam-se de outra forma, embora Adorno (1996) tenha afirmado sobre os proletários não caírem nas malhas da semiformação, também verificou a aproximação das consciências de diferentes classes, indicou que a população à margem torna-se realista. Os dados empíricos não se chocariam contra essa exposição. A teoria da semiformação, no entanto, parece corresponder a teoria formulada por Nietzsche (2008), quando afirma sobrepseudogregos, a decadência que encontrou como em Sócrates e Platão, com as reflexões de sua época. Também Adorno (1995) afirmou que a política aristotélica seria um tanto mais humana, como sendo a platônica, um autoritarismo revestido à sua versão. Não considerou como humanas, as duas. Não se trata de ser menos solidário com as dores de Nietzsche, enquanto ele, em sua maior e madura expressão, exerceu com sua crítica e com uma devoção quase religiosa, o julgamento de Sócrates a uma segunda morte. Em ambos, Nietzsche e Sócrates, vê-se o reflexo e o sofrimento causados pela dominação. Em um, pela moral; em outro, pela falta desta. Na atualidade, pela exclusão recíproca – e falseada, de ambas.

Contra a dominação, a formação teria como finalidade a supressão de si mesma. Ao tempo que tornaria natural a solidariedade, o compromisso e a ética. “Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem está já, teleologicamente, seu decair.”. (ADORNO, 1996, p. 397). As atuais circunstâncias não prometem muito mais que delineou e também determinou a teoria da semiformação, como também quando se indica a consciência verdadeira, a educação contra a barbárie, e, ainda que

de forma desconsoladora, e com razão, o amor. Se for inequívoca a afirmação de Adorno sobre o educador se converter em “vendedor de conhecimentos” (ADORNO, 1995a, p. 105), não se pode dizer que a educação alcançou, segundo as aspirações pré-burguesas, um conceito e uma finalidade. E quanto mais todos são apreendidos na permanência rígida da regrada produção em ampliação e escassez, na administração das pessoas enquanto recursos, tanto menos se poderá garantir um valor, que não seja o de troca, que por si só, corresponde a muito pouco, do ponto de vista cultural. Tal como a queda da metafísica, dos princípios em torno dos quais a humanidade se uniu um dia, os professores se converteram, assim como outras profissões, em proletários, o que não passa de modo igual em outros países.

3 A PROLETARIZAÇÃO DOS PROFESSORES

As alterações da dupla revolução foram sentidas em toda a sociedade. A situação brasileira, na área da educação, entrelaçada à psicologia, não tinha medidas divergentes do plano nacional de modernização. A Liga Brasileira de Hygiene Mental, criada em 1923, preocupou-se, de forma bastante característica desse momento, com o uso da psicometria nos setores da educação, da indústria, da imigração e do exército. Assim, considerava a medição enquanto fundamental para a determinação de uma sociedade próspera ou decadente. Embora considerada como se fosse não meramente higienista, o interesse em criar uma educação sob medida, que pudesse responder, com base em testes mentais e na erradicação das "entidades mórbidas", a seu controle, não indica um caminho tanto além, ainda que tenha se voltado a promover a saúde nas áreas de grande concentração de pessoas e naquelas mais afastadas. Segundo se afirmou a política higienista, estava também intimamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo e das bases nacionalistas. Portanto, a partir dessa, já se produzia uma alteração bastante problemática na educação.

No mesmo embalo, o migrar de pessoas do campo para as cidades, a construção de cidades modernas desertificando e tornando as antigas cidades pontos turísticos; produzia uma situação de concentração massificada em determinados lugares, considerados ou projetados enquanto modernos ou industriais. Assim, modificava estruturalmente a pedagogia antes da situação ser circunscrita no conhecimento histórico. Em Goiás, que sentiu tardiamente tais efeitos, assim como costuma ser no Brasil, talvez a mais penosa e ao mesmo tempo mais atraente construção para os goianienses, tenha sido a transferência da capital, da Cidade de Goiás – conhecida enquanto Goiás Velho – para Goiânia, criada em 1933, com o propósito, segundo Pedro Ludovico, de facilitar e aumentar a produção econômica. Conforme consta em sítio eletrônico:

> Pedro Ludovico se opôs a oligarquia política da época e decidiu que era hora de mudar a capital de Goiás. Para Pedro, era preciso impulsionar a ocupação do Estado, direcionando os excedentes populacionais para espaços demográficos vazios na tentativa de aumentar a produção econômica. Na visão do interventor goiano, a mudança da capital era uma das alternativas que permitiria a ligação do Centro-Oeste ao sul do País. (GOIÂNIA, 2022).

A política de Pedro Ludovico seguia, com determinada ironia, o modelo pretendido por Vargas, ainda durante seu primeiro governo, a partir de 1930. Depois desse período, Vargas assumiu como interino, dando continuidade ao processo conhecido como modernização. Diversos autores (LIMA; LEITE, 2013, TIBALLI, 2013) abordaram o

percurso até o estado varguista. O que há em comum entre vários deles é a apreensão do fato de que a escola brasileira antes era constituída por ínfima parcela da sociedade, portanto, a real burguesia, tendo como também pouquíssimos e um grupo muito seleto de estudantes da pequena burguesia ou atual classe média. De acordo com Lima e Leite (2013) desde 1930, a difusão do ensino técnico-profissional já se desenhara. Intensificou durante a ditadura militar. Com relação às tendências produzidas na ditadura militar, sobre a proletarização dos professores:

> Ocorreu, assim, um processo de mobilidade tanto ascendente quanto descendente, pois os que tinham origem nos "de cima" se proletarizaram enquanto os de origem popular ascenderam a uma profissão da classe média. A nova categoria, formada por essas duas frações, foi submetida a condições de vida e de trabalho determinadas pelo arrocho salarial. (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1159).

Ainda segundo os autores, na ditadura Vargas a educação foi instrumentalizada, e, tal como ocorreu nesse período, porém, com uma extensão mais volumosa, através da Ditadura Militar, a educação também teve uma destinação instrumental, por intermédio do aparelho ideológico do Estado. A escola foi, considerada pelos autores,enquanto um dos mais eficazes meios de difusão da ideologia que respaldou o regime. Como características que percorrem esse processo, os autores chamam atenção para sua expansão numérica e o rebaixado salário, em que os professores foram submetidos. Sobre os dois fatores, quantidade e salário, afirmam:

> Numa sociedade que se modernizava pela via autoritária, esses dois fatores, conjugados entre si, atuaram no sentido de torná-la a maior categoria profissional do país e de conferir-lhe uma identidade de oposição ao próprio regime. Nesse sentido, ela se distingue dos traços que a caracterizavam até então, sobretudo a de ter sido uma categoria profissional pequena, com origem social proveniente das camadas médias e até da elite, não afeita à organização sindical. (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1161-1162).

De outro modo, segundo Pucci,

> A segunda vertente de formação social do professor provém 'através de um processo de mobilidade social, vertical ascendente, (...) de camadas realmente populares, ou de camadas de classe média baixa' (ABRAMO, 1986, p. 78). O processo de massificação escolar nas últimas décadas possibilitou a ampliação da rede de escolas, aumentando assim as oportunidades de obtenção da qualificação escolar formal. Esse caminho se deu para aqueles que conseguiram ultrapassar o 1º. grau, sobretudo através do ensino noturno e do ensino privado. Ser professor tornou-se para eles quase realização integral de suas aspirações sociais e profissionais. Essa segunda camada, hoje predominante no 1º. grau, tende a crescer mais, acompanhando a situação de desqualificação profissional e de aviltamento salarial

> do magistério. Abramo afirma que ‘a segunda camada (...) tem-se mostrado, de certa forma, conservadora e pouco afeita à luta por modificações e transformações na educação e na sociedade’ (1986, p. 79). (PUCCI, 2021, p. 376).

A teoria crítica considera que as estruturas da personalidade – o conservadorismo, o liberalismo, o autoritarismo, dentre outros –são presentes em certos indivíduos trabalhadores, estudantes, grupos e associações. É interessante notar que enquanto, por um lado, indica-se que a camada ascendente na categoria profissional dos professores era conservadora e pouco afeita à luta por transformações na educação e na sociedade, por outro lado, concebe-se que a entrada dessa camada na educação formal, a sua expansão, tornou o professorado a maior categoria profissional do país, conferindo-lhe uma identidade de oposição ao regime. Embora destoem em devido sentido, essas reflexões oferecem uma compreensão do próprio movimento histórico, isto é, das noções ou conceitos introduzidos não apenas pelo rebaixamento da profissão, estando, além disso, as novas qualidades culturais deste envolvimento. Para ambos os autores, permanece o sentido da proletarização dos professores, e, com esta, novas relações.

> Premida pelo achatamento salarial e pela rápida queda no seu padrão de vida e de trabalho, a categoria profissional dos professores públicos de 1º e 2º graus foi desenvolvendo uma consciência política que a situava no âmago do mundo do trabalho, tal como já estava posta para a classe operária fabril. Em outros termos: incorporou a tradição da luta operária – nos marcos da expressão sindical – e transfigurou-se numa categoria profissional capaz de converter as suas necessidades materiais de vida e de trabalho em propostas econômicas concretas. (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1169).

Neste momento, os educadores se impunham como a mais forte e também mais subjetivamente preparada categoria social com o poder para determinar a política. Já tinham fundado, a duras penas, uma tradição, em meio à situação em que se encontravam. Tradição esta que não pode ser simplesmente considerada como proletária ou como burguesa, enquanto os conceitos, os conteúdos culturais, são intercambiáveis. A transformação do conservadorismo da classe que acabara de entrar no magistério, em ação política, em movimento programado e articulado, bem o reflete. A situação pacífica em que os professores se encontravam, a sua mais nova forma e ação, melhor o indica. Ou seja, a ditadura moveu guerra contra os professorese perdeu. Os professores foram, em maior parte, os protagonistas da transição para a democracia, de acordo com Ferreira Jr e Bittar (2006). Em alusão a Arroyo (1990), os autores trazem que:

> O caráter nacional do movimento de professores caminha no sentido de garantir e especificar um plano nacional de cargos e salários, uma carreira nacional para o magistério de 1º e 2º graus na linha conquistada timidamente na Nova Constituição. Os velhos estatutos do magistério, que expressavam formas de gestão em função das especificidades de cada nível de ensino e de administração, vêm perdendo sentido na medida em que o movimento de professores amplia sua expressão nacional e exige o tratamento dos trabalhadores em educação como sujeitos de idênticos direitos, independentemente do tipo de patrão – nação-estado-município-mantenedora – e independentemente da região ser rica ou pobre. (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1170 apud. ARROYO, 1990, p. 156)

O que tem caracterizado a unidade dos professores do magistério até então, e também do ensino básico como um todo, chegando a sua expressão na classe dos professores universitários, é a luta política. Esta tem se concentrado, sobretudo, em torno das exigências em relação a um piso salarial e garantias materiais para o trabalho do professor. Este movimento também produz alterações qualitativas na vida e no exercício do professor, na medida em que a vida material, a forma desta, não está dissociada das possibilidades formativas, isto é, com um salário e horas adequadas de trabalho, o professor tem ao seu alcance a oportunidade de continuidade de sua formação, como também de propiciar por intermédio desta, conteúdos melhores estruturados, diferente do que acontece em uma situação em que faltam tempo e recursos necessários. É preciso, no entanto, que a luta se amplie a outras possibilidades, como na determinação de conteúdos formativos.

3.1 A DEMOCRACIA E OS PROFESSORES

Os professores expressam hoje a unidade entre intelecto e trabalho. O ressentimento contra a categoria reflete, por um lado, o seu poder, e, por outro, a falta deste. Não é casual que se mova guerra contra a escola. Mesmo na democracia, ela tem sido um objetivo. Parece sem sentido querer impor a ela um autoritarismo caricato, que a vê como sua primeira inimiga e não sabe mais uma vez escolher melhor seus inimigos. Para citar um dado do atual contexto, o projeto Escola Sem Partido se insere de forma a cercear a atuação do professor. Esse projeto, embora tenha popularidade por sua baixa adesão, portanto, desqualificação objetiva, por outro lado, condiz com uma forma de poder do estado insinuando-se contra a escola. Os seus conteúdos não são bem recebidos, não porque sejam dogmáticos, o que não são, e sim porque não atendem a sociedade em que se apresentam, não encontram correspondência com as formas democráticas atuais. Mas tal projeto mostra que, o modelo liberal pode não ser tão adepto às formas tradicionais da educação – como a ética, também não é mais adepto à liberdade, como a emancipação. Na realidade, quando não se toma o conceito enquanto

fraseologia, faz sentido afirmar que o liberalismo, quando se despiu de si mesmo, quando finalmente se formou, restou apenas sua última redução, a econômica. A tendência foi suprimir consigo todos os outros conceitos. As formas anteriores, como o tradicional liberal, o autoritário e o conservador, retratam um ponto de atraso em relação ao seu próprio desenvolvimento. Os novos limites os suprimiram. Daí que, no conhecimento, estas transformações são apreendidas como neoliberais.

Apesar do conteúdo faltante no mencionado projeto, talvez seja necessário refletir acerca do que dele sobra. Em primeiro lugar, não é possível tratá-lo isoladamente, como se esse não estivesse articulado a um conjunto de situações que circundam a escola brasileira e acabam por conferir ao professor a alcunha de doutrinador. É notório que se situa no bojo de movimentos ditos "conservadores", muitas vezes ligados, atualmente mais como fachada do que como movimento inerente a uma tradição, à Igreja Evangélica e pretende adentrar a escola e supostamente reparar equívocos cometidos por parte de professores que atuam de forma ideológica na educação. O que falta no projeto, a sua ideologia ou o seu conteúdo, sobra: o amparo contra o que concebe como ideológico. É como se os professores, assim como distintos profissionais, não tratassem de determinada crença de parte da sociedade brasileira e, por esse motivo, estivessem, por intermédio de suas ocupações, sendo ideológicos. Ora, assim como a religião tem um sentido na sociedade, tanto no plano metafísico como no plano material; a escola também conduz a educação conforme sua razão, mas bastante distante daquela que tradicionalmente é exercida pela religião, embora esta também esteja em processo de consideração dos conhecimentos científicos e filosóficos em suas diferentes vertentes, sobretudo, a religião católica e a espírita ante o terraplanismo. E a função dos professores está de acordo com a cultura; em Estados confessionais, a profissão terá influência deste caráter, em regiões laicas ou pluri-religiosas, o ensino certamente terá características de maior amplitude, e a religião poderá ser ofertada de uma forma crítica.

A justificativa, portanto, a "ideologia" sobre a educação ser de uma forma e não de outra, tem o seu princípio na cultura. Por problemáticas que sejam, tanto uma quanto a outra, a educação formal ainda remete e intermedia a sua própria civilização. Para se chegar ao estado atual, a sociedade não apenas se desfez de determinados conceitos, mas outros conceitos foram produzidos. Como exemplo, está a educação, atrelada a "descoberta da infância", minuciosamente refletida por Philippe Ariès (1981), fenômeno que pode ser considerado moderno e que se realiza com a escola e a família como nucleares. Não fosse esta "descoberta", a sociedade ocidental teria ainda como paradigma a concepção da criança enquanto um adulto em miniatura, destinando a esta o mesmo ou tratamento um muito pior ao

que era dispensado a um adulto.(BROERING, 2015). A chamada Roda dos Expostos data como uma passagem para a concepção da infância.

Não basta lembrar que o que é considerado crime contra a infância na cultura ocidental é norma em outros países e comum em regiões específicas do Ocidente. A escola é um marco civilizatório, mas não atua sozinha. Ela entra em ação tão logo a história e a consciência humanas tenham enxergado certas particularidades no desenvolvimento humano, diferenciando momentos da vida e distinguindo as atividades consideradas adultas das atividades infantis. Não é uma história linear e que ocorrerá de modo semelhante em outras culturas, isto dependerá da forma de organização de cada sociedade, mas é um ponto comum no Ocidente. Cabe ressaltar que a moralização da infância tem centralidade neste processo, restringindo à criança do acesso a determinados conhecimentos ou experiências.

Talvez nisto resida justamente o ponto crucial do conflito que ironicamente confere aos professores a alcunha de serem demasiadamente ideológicos. Afinal, quem deve indicar os conteúdos e quais experiências a criança deve realizar? A ciência dirá que quem melhor pode prover essas respostas serão especialistas na área, pedagogos, pediatras, entre outros; a filosofia pode defender que a questão parte de um acordo entre diferentes áreas dos saberes e ações humanas, tendo em vista não apenas o conhecimento científico, como também o conhecimento da família e da tradição; a jurisdição pontuará o que se tem como regra do pacto social, mas todas deverão concordar com uma visão que distingue a criança dos adultos e atribuem a esta ingenuidade. É a partir deste princípio que a escola tem o seu trabalho, na mediação entre o desenvolvimento da criança, concebida enquanto ingênua, em direção a sua formação, como uma promessa de maioridade individual e social. Mas também é sob esse argumento, de vulnerabilidade, que o projeto é inserido, afirmaPucci (2021):

> O Projeto de Lei Escola Sem Partido, sob o falso argumento do apartidarismo e da neutralidade no ensino, é a expressão de ações e orientações ideológicas de um movimento mais amplo, cujo ponto crucial e, portanto, mais grave é que essas ações se inserem em um processo de judicialização da educação escolar brasileira, através da criminalização da função social do professor, pela prerrogativa da vulnerabilidade do estudante. (PUCCI, 2021, p. 271).

Cabe indagar aqui se o argumento é mesmo falso. O antagonismo à escola se posiciona contra o que concebe como ideologia e, obviamente, tem por trás dele, outra ideologia. Mas assim como citado antes, o que se coloca contra a ideologia, não constitui necessariamente uma ideologia. Por isso, se determina pela via do antagonismo, porque o que sobra no ataque não é uma posição ideológica, mas uma imposição contra todo pensamento qualificado, isto é, contra as formas conceituais da escola. A“criminalização da função social

do professor" merece atenção. Que função tem o professor, na escola, que não seja a formação? Mesmo o ensino confessional, trouxera importantes contribuições para a formação. Portanto, o argumento pode ser falso em dado contexto, considerando o movimento do conceito de ideologia, mas o pretexto é mais falso. E por ser a criança vulnerável e ingênua, não se deve propiciar a ela os conhecimentos necessários para sua própria autonomia? Talvez esse seja o ponto. Uma criança, devidamente formada, pensa e age por si mesma. Com a formação, não pode haver dominação. Mesmo quando ingênua, uma criança já consegue reconhecer algumas situações problemáticas, por intermédio do ensinamento de seus professores ou de seus pais. Uma criança e um adulto ingênuos, no entanto, são desrespeitados, quando não conseguem reconhecer a situação. Uma política pretensamente livre, não veria problemas na educação e na formação, uma política que tem a sua marca na dominação totalitária, acharia na atuação dos professores um problema a ser resolvido. A criminalização da função social do professor não está distante da criminalização da democracia, sem a qual, o conteúdo democrático, inerente a formação, subsiste.

Não é somente esse projeto, vazio de conceito, contra o que se coloca como doutrinação na escola. Há outros com o tal fundo e eco. O *homeschooling* ou ensino doméstico para a educação no Brasil é a pauta da vez. Ecoa nos corredores da escola, durante as aulas na universidade e certamente devem ter alguns tantos projetos a serem votados com este tema no plenário. Não há ou ao menos nenhum que possa ser recordado, projeto que indique de forma tão evidente o chamado "distanciamento" entre a escola e a realidade. Se por um lado, tal projeto representa o "isolamento escolar"; por outro lado, também reforça um fechamento contra os conteúdos escolares, sob o qual, a escola não pode ter qualquer efeito, a não ser que se modifique estruturalmente, desestruturando-se sem ainda ter alcançado uma estrutura sólida, ou se interponha acerca disso com uma verdadeira semelhança com o que se considera autoritário nos tempos atuais, como aquele professor que interrompe abruptamente as chamadas "conversas paralelas". A escola pode refletir sobre abordagens que a aproxime com a realidade extra-pedagógica, contudo, deve ter em mente que talvez sua maior razão de ser seja justamente essa diferenciação, como na não reprodução de *slogans* midiáticos.

Encurtando a diferença tem-se, para além da simples reprodução, a possibilidade de diálogo entre a escola e a realidade-extrapedagógica, como o diálogo entre a família e a escola, sendo bastante considerado em contextos de inclusão, por exemplo. Contudo, sobre esse diálogo, o seu conteúdo é também pedagógico. Embora a escola possa buscar a opinião dos pais sobre determinados assuntos, geralmente este processo ocorre em vista dos objetivos pedagógicos a partir dos quais a escola exerce o seu trabalho. Neste sentido, não há que se

negar que os professores, tal como outros profissionais, possuam certa distância do que ocorre socialmente fora de suas profissões, ao tempo que, a realidade além da escola exerce grande influência sobre o que ocorre internamente. A forma com que lidam com tais conteúdos é que se difere. A escola pode, em uma abordagem sociológica, incluir opiniões divergentes sobre determinado tema, como as formas políticas, mas terá, conforme seu sentido, que adotar uma posição que privilegie a pesquisa e desmistificação em detrimento da opinião.

Neste caso, a escola pode realmente apresentar-se alheia à pretensa realidade. Segundo a militância à esquerda e à direita, é uma bolha, esperando ser rompida. Se a realidade atualmente é constituída, principalmente, através da mistificação, do conceito e do preconceito, atuar conforme o esclarecimento como desmitificação, ao contrário do que se realiza na circulação, realizadas, sobretudo, por intermédio das indústrias já estabelecidas, como na crítica de Horkheimer e Adorno (1985); a escola pode ser o último refúgio com capacidade para contradizer, objetivamente, o que quer que tenha implodido como tendência, ainda que contribua em sua parte com as tendências (a)sociais desta e incorpore esses conteúdos em suas disciplinas, pois segundo afirma Adorno (1995a), a escola não está a salvo das atividades da circulação. Fortalece, ao mesmo tempo, a adaptação e a resistência, enquanto contribui e é contraditória a alienação.

O conceito de alienação, nas contribuições de Marx (2004) é distinto do conceito de alienação, em Adorno (1995b). Para o último autor, a alienação é sentida como a entrega do sujeito em direção ao que não se assemelha. Em uma cultura que realiza a socialização e a integração por intermédio da indústria cultural, segundo uma visão que pretende integrar tudo a um único princípio artificial de produção, a escola pode ser sua melhor aliada, sendo também entendida como a sua maior inimiga. Assim, a escola, tendo sua mais forte representação nos professores e nos estudantes é, por um lado, visada como meio que impede a reprodução não refletida da realidade e tida como meio de conformação, sendo também antagonizada, com aversão a estas duas possibilidades, reflexão e conformação, crítica e conceito. A escola, por seu conteúdo diverso, tende a estar além das formas políticas, sejam elas ditatoriais ou democráticas, embora possa se considerar que a sua melhor expressão está entrelaçada a democracia, desde outros tempos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pedagogo, na civilização ocidental, se modificou bastante desde a sua origem. Se em outros tempos, tinha na figura do escravo, o seu exercício; na tradição pós-colonial de alguns países, como o caso brasileiro, foi se estruturando como uma atividade livre, assim como as outras demais. Como na Grécia não havia em seu léxico, uma expressão para o trabalho, conforme o conhecemos, as suas formas de produção, como o comércio e a manufatura, tinham, no interior da hierarquia, uma posição sem privilégio, assim como aquela que o professor detinha. Se por um lado, o processo de proletarização dos professores converteu o recente privilégio que este trabalho tinha conquistado em um contexto desconfortável, por conseguinte, também reverteu uma classe sem poder objetivo, em seu conjunto, em uma classe que sustenta sua objetividade, do ponto de vista da formação. Além de ter novamente alcançado influência junto a quase todas as classes, se não todas elas.

Os projetos autoproclamados conservadores dão testemunho de duas dimensões: tanto a nova condição do magistério de, como classe, intervir objetivamente na sociedade, quanto, por esta condição, ser objetivo de seus antagonistas. Ainda que tais projetos se apresentem enquanto uma contradição, em relação à situação dos professores e da própria democracia; não representam, em maior parte, a sociedade e os indivíduos. Tanto é que a alta popularidade desses projetos liga-se a sua baixa adesão. Só poderiam se vincular a verdadeira configuração subjetiva, na medida em que encontrassem algo a que apelar muito emocionalmente, e seriam, por esta razão, passageiros, enquanto, por intermédio de pesquisas, poderia se verificar mais tendências favoráveis à liberdade de cátedra do que contra esta. Ainda assim, esses projetos não devem ser desconsiderados, mas profundamente debatidos, no âmbito da religião, a qual se vinculam, como também no âmbito da educação, a qual antagonizam.

A chamada “distância” dos professores da “realidade” e toda a militância contra esta não é apenas figurativa desse momento. Teria que se verificar, em suas diferentes vertentes, o seu sentido. Partindo da psicanálise, pode-se afirmar que, afinal, sendo mesmo o indivíduo inimigo da civilização, as tendências (a)sociais contra esta haveriam de se expressar de alguma forma, tendo sua preferência por tudo o que se apresenta como humano, ou idêntico, mesmo quando crítico, a sua cultura, em diferentes épocas, contextos e formas. Além disso, mesmo que tais tendências sejam algumas, claramente, contra a civilização e outras se intitulem desta forma, por a constituírem, não se excluiriam entre si, em certo momento, como também não excluiriam a civilização na qual se formaram. Forneceriam, por sua relação, novas formas de relação, ainda que atuando de formas contrárias. Em tempos em que a

totalidade não se excluía mutuamente, não se tomaria com rigidez uma razão democrática \ não democrática; conservadora \ não conservadora; enquanto todas estas, abarcariam, de modo intrínseco, momentos de cada uma delas. Embora o conceito mesmo, com o qual se podia afirmar tanto uma quanto a outra, se perdeu. Se antes, as relações se determinavam, produziam novas relações, hoje, se excluem, pelo véu da integração.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. *In*: _____. *Educação e Sociedade*, 1996, no. 56, ano XVII, p. 202-229. (Original publicado em 1959).

_____. Opinion, locura, sociedad. *In*: _____. *Intervenciones: nueve modelos de critica*. Caracas: Monte Avila Editores C.A, 1969. (Original publicado em 1961).

_____. Tabus acerca do magistério. *In*: _____. *Educação e emancipação*.Tradução Wolfgang Leo Maar. 3° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 97-118. (Original publicado em 1965).

_____. Educação – para quê?.*In*: _____. *Educação e emancipação*.Tradução Wolfgang Leo Maar. 3° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 139-154. (Original publicado em 1967).

_____. A educação contra a barbárie. *In*: _____. *Educação e emancipação*.Tradução Wolfgang Leo Maar. 3° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 155-168. (Original publicado em 1968).

_____. *Palavras e sinais*: modelos críticos 2. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BRITO, Elizabeth Caldeira (org.). *Sublimes linguagens*. Goiânia: Kelps, 2015.

BROERING, Adriana de Souza. A "descoberta" da infância ocidental na modernidade: quais crianças foram "colocadas nesse berço"? *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 30.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: ed. da Unesp, 1999.

FREITAS, André Luis Castro de; FREITAS, Luciane Albernaz de Araújo. O manifesto comunista: histórico e pressupostos. *Revista de Educação Ambiental*, Vol. 23, n. 3, 2018.

GOIÂNIA. Prefeitura de Goiânia. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/sobre-goiania/historia-de-goiania/. Acesso em: 27 mar. 2022.

LIMA, Vanda Moreira Machado; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. Ensino Fundamental: especificidades e representações dos professores nos anos iniciais. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; PINTO, Umberto de Andrade (org.). *O papel da escola pública no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como filosofar a marteladas*. 2a ed. Tradução Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2008.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004. (Original publicado em 1844).

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977. (Original publicado em 1846).

SAVIANI, Demerval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SILVA, Ana Paula Londe. *Um estudo do conceito de trabalho e da concepção do processo de trabalho na Grécia Antiga e em Marx*. 2012. Monografia (Programa de Educação Tutorial) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: https://pet.face.ufmg.br/economia/wp-content/uploads/sites/7/2020/09/Um-estudo-do-conceito-de-trabalho-na-grecia-antiga-e-em-marx.pdf. Acesso em: 29 mar. 2022.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. A construção da escola pública brasileira: a contribuição de Anísio Teixeira. In: LIBÂNEO, José C., LIMONTA, Sandra V., SUANNO, Marilza V. (orgs.). *Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores*. Goiânia: CEPED Publicações / Editora América, 2013, p. 73-89.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos, 1985.

_____. Ideologia. *In*:_____. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. (Original publicado em 1956).